HVMANITAS

[Recensão a] Sousa, Paulo Ângelo Meneses - O debate persa em Heródoto

Autor(es): Silva, Maria de Fátima

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23224>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_63_83

Accessed : 26-Apr-2023 07:33:17

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXIII
2011

a importância da alteração do significado das palavras latinas ao longo dos tempos; e demonstrar que o latim não é uma língua morta e se adequa à designação de todos os fenómenos do mundo moderno. O projecto é polémico nos meios culturais da Hungria, pois nem todos concordam com a fusão de três componentes num único dicionário. Por isso Tegyei apresenta-o à discussão.

Finalmente, Gábor Tüskés, da Academia Húngara das Ciências, apresentou o estudo intitulado “*Regnum Hungariae – Regnum Marianum*”, em que resume de forma sucinta mas densa a história do culto da Virgem Maria na Hungria, cujas notícias datam das primeiras décadas do séc. XI e que se foi radicando a partir da ideia do rei Santo Estevão, fundador da nação húngara (1000-1038), de consagrar o país à sua protecção. O autor descreve as manifestações desse culto mariano, no âmbito das festas, da liturgia, da oratória, da poesia, da hagiografia, da escultura e da iconografia, da epigrafia, da consagração de templos, de lugares de peregrinação (entre os quais se destaca o de Mariapócs), de ordens e congregações e do próprio país, como expressão de unidade legal e política, sob o patrocínio de Maria Patrona Hungariae, desde então até aos tempos modernos. Tais manifestações fizeram do Reino da Hungria um verdadeiro Reino Mariano de unidade católica e de integração de nacionalidades, contra alguma oposição interna, designadamente protestante, e sobretudo contra a antiga e longa ameaça turca.

O volume destas Actas é complementado com um Apêndice que contém perto de uma vintena de poesias latinas modernas, compostas ou declamadas por participantes durante o Colóquio.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

SOUSA, Paulo Ângelo Meneses, *O debate persa em Heródoto*, Editora Gráfica da UFPI, 2010, 112 p.

Paulo Ângelo de Sousa, que vem, desde há anos, dedicando particular atenção ao estudo das *Histórias*, publicou recentemente uma análise circunstanciada sobre *O debate persa em Heródoto*. Uma introdução alargada faz o ponto da situação sobre as opiniões emitidas pelos melhores especialistas a propósito deste famoso episódio, naqueles que são os seus aspectos mais polémicos: a historicidade do debate, os seus antecedentes

literários, a teoria política abordada e o seu lugar na estrutura narrativa das *Histórias*. Esta introdução, de forma sintética, reúne uma quantidade apreciável de opiniões e disponibiliza uma bibliografia ampla e diacrónica sobre o assunto. Tem, por isso, um valor documental evidente. Talvez, no entanto, a opinião do autor deste livro tenha ficado um pouco na sombra, não se permitindo uma atitude mais crítica ou uma opção mais pessoal, ao nível deste acumular de posições teóricas.

A tendência, mais ou menos generalizada, para situar o debate no campo da ficção torna tanto mais relevantes os tópicos seguintes, do valor literário do debate e do seu enquadramento nas *Histórias*. A determinação dos seus antecedentes literários, ou seja, do agôn político na literatura grega, dá relevo justificado ao contributo de Heródoto dentro deste ‘género’, com grande difusão no pensamento grego clássico (veja-se o caso dos Sofistas e de Tucídides); não são, no entanto, excluídos possíveis modelos da tradição oriental.

Como corolário indispensável da valorização literária do episódio, o estudo prossegue com uma análise do conteúdo da discussão, isto é, da classificação tríplice das formas de governo em ‘governo popular’, ‘oligarquia’ e ‘monarquia’, ‘como origem da teoria política grega e base de todas as sistematizações posteriores das formas de governação no mundo ocidental antigo, medieval e moderno’. Não deixa de merecer apreço a menção feita, além do conteúdo ideológico, à questão da nomenclatura específica, ainda não totalmente definida em Heródoto. Por fim, o significado do debate para a estrutura global das *Histórias* retoma o conhecido problema das acusações dirigidas contra a redacção aparentemente caótica do relato de Heródoto e a progressiva esquematização que estudos valiosos, sobretudo no séc. XX, vieram estabelecer.

Só no final destas páginas introdutórias (p. 32), o autor enuncia com clareza o seu propósito: ‘Situar-se, de forma mais ampla, dentro de uma proposta de leitura que questiona a hegemonia epistemológica do *logos* pelo mito na nossa tradição de leitura dos textos da historiografia clássica e tentar superar essa hegemonia pela desconstrução que remete à lógica do mito’.

Com acerto Meneses de Sousa começa então por contextualizar o episódio na narrativa de Heródoto, dentro do processo de sucessão que se desencadeou na Pérsia após a morte de Cambises. Dario passa a ter uma visibilidade natural pela forma como soube levar a bom termo uma candidatura ao trono vago. É de louvar, neste estudo, a atenção minuciosa

prestada ao texto, de onde se procura extrair, com rigor, nuances subtis de sentido.

O conteúdo argumentativo de cada intervenção constitui o cerne do Capítulo II. O debate persa. O estudo do texto passa a estar definitivamente no centro das atenções. É de lamentar que a descodificação tipográfica dos caracteres gregos não permita a leitura da terminologia original, que é de relevância para a discussão (e. g., p. 55). Procede-se a uma enumeração circunstanciada dos argumentos apresentados por cada interveniente, antes de se considerar, no conjunto, ‘a lógica argumentativa do debate’.

O último capítulo é dedicado à monarquia, como modelo vencedor, e à forma como Dario a impõe, como monarca escolhido pelos seus pares e com aprovação divina para suceder a Cambises. Alguns comentários comparativos permitem ainda alargar a perspectiva de análise ao que poderemos chamar o padrão da figura de um tirano em Heródoto.

Uma página muito breve de conclusões limita um pouco o que seria esperável e parece sempre adiado neste estudo: que o seu autor, bem informado sobre as subtilidades de sentido do texto de Heródoto e leitor de uma bibliografia extensa e actualizada, tomasse posições mais claras no meio da controvérsia que Heródoto, pelo valor intrínseco da sua narrativa, não deixa nunca de provocar.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

TACLA, Adriene Baron, MENDES, Norma Musco, CARDOSO, Ciro Flamarion, LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira (orgs.), *Uma Trajetória na Grécia Antiga. Homenagem à Neyde Theml*, Rio de Janeiro, Apicuri, 2011, 404 p., ISBN – 978-85-61022-44-0.

Esta é uma obra de homenagem e consagração, que tem como destinatária a professora brasileira Neyde Theml, por ocasião do seu septuagésimo aniversário. Neyde Theml, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em História Antiga, esteve envolvida, com outros colegas, na criação do Laboratório de História Antiga, em 1993, da revista *Phoînix*, em 1995, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada, já no início do século XXI. Esteve igualmente associada à criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, de cujos estatutos redigiu uma versão preliminar.